

RESENHA

A poética do autoconhecimento e da empatia em Esmeralda Ribeiro: uma leitura de dois contos em *Baobás de Concreto*

Por *Nágila Oliveira dos Santos*¹



A coletânea *Baobás de Concreto*, organizada por Nágila Oliveira dos Santos e André Luiz dos Santos Silva, reafirma a força das vozes afro-brasileiras contemporâneas e a importância de suas narrativas na reconstrução simbólica da identidade e da memória coletiva. Entre as autoras reunidas, destaca-se Esmeralda Ribeiro, escritora, jornalista e integrante do coletivo Quilombohoje Literatura, grupo responsável pela série *Cadernos Negros*, marco fundamental da literatura afro-brasileira desde a década de 1970.

Conhecida por seu domínio da linguagem poética e pela capacidade de articular, em narrativas curtas, questões de identidade, afetividade e resistência, a autora apresenta dois contos que condensam temas centrais de sua poética: o autoconhecimento, a solidão e a potência do amor como forma de reconstrução do eu — “A visita” e “O jovem, o cachorro e eu” são os dois contos de Esmeralda Ribeiro que passo a brevemente apresentar.

“A visita” — o reencontro com o amor de si

Em “A visita”, Esmeralda Ribeiro cria uma alegoria lírica em que o “amor-próprio” é personificado e tenta, insistentemente, entrar na vida de uma mulher exausta de doar-se ao mundo. A estrutura dialogal — construída com repetições que lembram

¹ Mestra em Educação (UFRJ) e Especialista em História, Cultura e Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras.

a oralidade africana e o teatro de resistência — revela uma personagem feminina que vive o conflito entre o cuidado com o outro e o cuidado de si.

A frase “carrego o mundo na cabeça” sintetiza a experiência histórica de mulheres negras que, como analisam Cidinha da Silva e Cristiane Sobral, foram ensinadas a amar e servir até o esgotamento, esquecendo-se de existir para si mesmas. A recusa inicial da protagonista em aceitar a presença do amor-próprio representa o processo de alienação afetiva imposto por uma sociedade racista e patriarcal, que naturaliza o sacrifício feminino negro.

Mas o conto não se encerra na negação. A mala trazida pelo amor-próprio — carregando a *autoestima* — é símbolo de herança e de cura ancestral. A metáfora do vestir a autoestima “a cada dia” remete ao processo de reconstrução subjetiva e espiritual, um gesto que ecoa a poética de Miriam Alves, para quem o amor e o autoconhecimento são formas de resistência política. Assim, Esmeralda Ribeiro transforma o cotidiano em rito de transformação, fazendo do amor-próprio uma força revolucionária.

“O jovem, o cachorro e eu” — *solidão, empatia e resiliência*

Já em “O jovem, o cachorro e eu”, a autora abandona o tom alegórico e se volta para uma cena de aparente simplicidade, mas de profundidade humana: uma mulher observa da janela a rotina de um jovem e seu cão. A relação de afeto entre os dois é mediada pelo olhar da narradora, uma mulher solitária que encontra, naquele gesto cotidiano, um espelho emocional.

O anúncio da morte do cão e o desaparecimento do jovem geram nela uma dor que é, ao mesmo tempo, empatia e luto compartilhado. Ao decidir presenteá-lo com um novo cachorro, a narradora reestabelece o vínculo com a vida — não apenas do jovem, mas dela mesma. A rebeldia contida em sua resposta final, “Dane-se! Todos”, é a expressão de uma mulher que recusa o apagamento social e reivindica o direito de sentir, observar e amar.